

A CANOA QUE VIROU COISA

LUIZ RAUL MACHADO

ILUSTRAÇÕES
MARILIA PIRILLO

Livro do
Professor

Responsáveis
pelo Material:

Ninfa Parreiras
Márcia Mota



ESTANTE
DE LIVROS

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela ESTANTE DE LIVROS EDITORA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

ESTANTE DE LIVROS EDITORA LTDA.

Rua Candelária, 60, GRP 701 a 714 – Centro

Rio de Janeiro/RJ – CEP: 20091-020

Direção editorial: Daniele Cajueiro

Editoras responsáveis: Luana Luz e Mariana Elia

Produção editorial: Adriana Torres, Bárbara Anaissi e Laura Souza

Copidesque: Luciana Figueiredo

Projeto gráfico: Larissa Fernandez

Diagramação: Henrique Diniz

**Material Digital de Apoio à Prática do Professor que
acompanha o Livro do Professor da obra *A canoa que
virou coisa*, 1ª edição.**

Ninfa Parreiras; Márcia Mota.

Rio de Janeiro: Estante de Livros, 2021.

Título:	A canoa que virou coisa
Autor:	Luiz Raul Machado
Ilustradora:	Marília Pirillo
Temas:	O mundo natural e social; Diversão e aventura
Gênero literário:	Conto, crônica, novela
Categoria:	1º ao 3º ano

SUMÁRIO

1. Carta ao professor	5
Sobre o escritor	5
Sobre a ilustradora	5
Sobre a obra	6
O papel da literatura e a importância da leitura literária	7
2. Propostas de abordagem em sala de aula	9
Introdução das atividades	11
Atividades pré-leitura	12
Atividades durante a leitura	13
Atividades pós-leitura	15
3. A leitura do livro na perspectiva da literacia	17
4. A literacia familiar: um trabalho conjunto entre educadores e família	21
5. Bibliografia comentada	22
6. Sobre as responsáveis pelo Material	27

1. CARTA AO PROFESSOR

SOBRE O ESCRITOR

Luiz Raul Dodsworth Machado nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1946. Escritor, especialista em Literatura Infantil, revisor e redator, possui diversos trabalhos publicados em jornais, revistas e livros. Trabalhou vinte anos na Editora Abril e em outras editoras de livros, como a Nova Fronteira, no Rio de Janeiro. Foi editor de grandes nomes da literatura infantil e juvenil brasileira, entre eles, Sylvia Orthof, Maria Clara Machado, Roger Mello, Leo Cunha e Stella Maris Rezende.

Também foi um dos idealizadores do projeto Ciranda de Livros, nos anos de 1980, realizado em parceria com a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Na FNLIJ, coordenou outros projetos e fez curadoria de exposições de livros e de ilustrações, do *Jornal Notícias FNLIJ* e de catálogos internacionais de livros brasileiros.

Além de editor e autor de livros, Luiz Raul ministrou cursos de formação leitora para professores da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro e para outras instituições, em parcerias da FNLIJ.

O que mais gosta de fazer é escrever histórias lúdicas para crianças e textos poéticos para adolescentes e adultos. É autor de diversos livros infantis, entre eles: *As 17 cores do branco*, que recebeu o Prêmio Academia Brasileira de Letras (ABL) de Literatura Infantil e Juvenil em 2013; *O galo Pererê*; *O cachorro Babucho*; e *Chifre em cabeça de cavalo*, que recebeu o Prêmio Orígenes Lessa, categoria O Melhor para o Jovem, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

SOBRE A ILUSTRADORA

Marilia Pirillo, nascida em Porto Alegre, RS, em 1969, é graduada em Publicidade e Propaganda. Ela começou a carreira no trabalho com projeto gráfico, editoração e arte final de impressos. Suas primeiras inserções como ilustradora foram para revistas de atividades para crianças, livros didáticos e para a *Revista do Professor*. Iniciou sua carreira como ilustradora para editoras gaúchas em 1995 e não parou mais. Mudou-se para o Rio de Janeiro, RJ, em 2004,



onde reside e se dedica à ilustração e à escrita de livros de literatura para crianças e jovens.

Estudou pintura, aquarela, acrílica e, em 2007, fez cursos de ilustração infantil em Sármede, Itália. Em 2010 e 2011, coordenou os encontros Confraria Reinações Carioca, grupo de leitura e discussão de livros de literatura para crianças e jovens. Em 2014, foi a responsável pelo Sopa de Letrinhas, grupo de leitura e discussão sobre a obra de autores nacionais de literatura para crianças e jovens.

Marília conta com mais de sessenta livros ilustrados com textos de diferentes escritores e mais de dez livros com ilustrações e texto dela mesma. Escreve resenhas de livros de literatura infantil e juvenil, participa de feiras literárias, visita escolas para encontros com os leitores e ministra palestras e oficinas para professores e mediadores de leitura.

SOBRE A OBRA

A história, contada em prosa (texto estruturado em períodos e parágrafos), é um conto que traz uma experiência indígena, uma história do povo Kamaiurá. Mais do que nunca, é tempo de os estudantes conhecerem e amarem a nossa terra. Saberem das origens, dos povos originários, das tradições indígenas etc. Descobrirem que povos nativos estão vivos e em que áreas habitam, quais seus costumes, suas línguas, suas tradições.

Como já foi dito, o conto traz uma história do povo Kamaiurá, do Xingú, região ao Norte do Estado do Mato Grosso. Além de mostrar a realidade cotidiana dos indígenas — a pesca, a alimentação, o contato com a mata e a lagoa, as relações familiares, etc. —, traz uma experiência fantasiosa. Isso é muito comum no universo dos nativos e mostra a relação dos povos originários com os fenômenos da natureza e com tudo aquilo que os cerca: a lagoa, as árvores e a canoa. Aqui, a canoa é instrumento de pesca, é meio de transporte e é espaço para lazer e para o sono e o descanso. A canoa é a protagonista, personagem principal da narrativa.

O casamento entre texto e ilustrações criou uma narrativa em que a linguagem escrita está costurada à linguagem das imagens. Juntas, elas contam a história.

As ilustrações são lindas, criativas; sugerem, não revelam tudo. Reportam à riqueza de plantas, de cores, de texturas etc. Deixam lacunas a serem preenchidas pelos leitores e não repetem o texto, e sim ampliam a compreensão dele.

Interessante pensar como o mistério sobre a canoa está associado à vida, à sobrevivência e à morte. Como os seres e as coisas estão ligados à grande rede que nos une e nos nutre: com a natureza, as coisas concretas criadas pelos humanos, as coisas imaginadas criadas pelos humanos etc.



O PAPEL DA LITERATURA E A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA

Alguns dos acontecimentos culturais mais importantes na vida de uma criança são **a aquisição da fala, da leitura e da escrita**. A fala acontece em torno dos dois anos de idade. De forma gradativa, o bebê passa a nomear as coisas e as pessoas. O mundo ganha nomes. É uma conquista que abre e amplia caminhos para as crianças se expressarem, serem entendidas e poderem se comunicar com a linguagem das palavras. A língua é a nossa Pátria-mãe, ela cria possibilidades de identificação, de acolhimento, de reconhecimento e de valorização da nossa ancestralidade.

Um pouco adiante, perto dos seis/oito anos de idade, a criança se apropria mais da linguagem quando consegue ler, decifrar e interpretar o texto escrito. Isso costuma acontecer com a possibilidade do escrever, a aquisição da língua escrita. Aí o pequeno leitor exerce a autonomia para se expressar por meio das palavras, lendo, interpretando e escrevendo.

Desde os primeiros meses de vida da criança, devem-se oferecer histórias, narrativas, cantigas, versos. Tudo isso prepara o terreno para o letramento e o domínio da língua escrita. Quando a criança ouve ou lê uma obra literária, acontece um encontro que a conecta com o imaginário e a fantasia. Ela pode ler para além do papel ou da tela de e-book. Ela “translê” o mundo, pode imaginar, associar, interpretar o lido e o vivido. É uma experiência que a leitura literária proporciona.

O papel da literatura vai além do entretenimento, porque quem lê fica afetado por diferentes sentimentos que a história ou o poema traz. Ser afetado transcende

fronteiras de afetos e de bagagens leitoras. O leitor se sente vivo, com as emoções em movimento, e a leitura o inclui no contexto social e subjetivo em que vive.

Hoje em dia, não podemos mais conceber a vida sem o domínio da leitura e da escrita. Com todo o avanço tecnológico, ler é uma habilidade necessária para uma pessoa se sentir integrante do mundo, com protagonismo e consciência social. Sem decifrar o código escrito da língua, a vida da pessoa fica limitada, restrita, sem acesso aos bens culturais e sociais de direito. E, conseqüentemente, a escrita é outra ferramenta que consolida nossos direitos e deveres cidadãos. Ao escrever, nos expressamos, podemos dizer, narrar, reivindicar.

A leitura literária deve ser introduzida em tenra infância, por meio de contações de histórias, de cantigas, de livros acessíveis às crianças tanto na escola quanto nas famílias. Quando a criança lê e tem contato com o imaginário, ela exercita sua capacidade de imaginar e de criar. O livro literário funciona como uma espécie de brinquedo que abre caminhos para se divertir, associar diferentes universos e territórios (social, emocional, histórico).

Quando a criança tem acesso, de fato, à leitura literária, ela exerce sua cidadania. Ela aprende as disciplinas pedagógicas, amplia sua capacidade argumentativa e interpretativa. Ler literatura é interpretar o mundo, com as suas ficções, as suas realidades, as suas possibilidades de sonhos e de projetos. A literatura amplia e potencializa a visão de mundo da criança.

Depois de ler um livro literário, o pequeno leitor se sente fortalecido em seus sentimentos, independentemente de ser uma história triste, alegre, próxima ao real, próxima à fantasia. A leitura literária promove o diálogo, a troca e torna a vida mais instigante, com as possibilidades de conversas, de escutas, de interpretações.



2. PROPOSTAS DE ABORDAGEM EM SALA DE AULA

A obra em questão possibilita um trabalho com diferentes áreas do conhecimento indicadas pela Base Nacional Comum Curricular, a BNCC (Brasil, 2018), como **linguagens, matemática, ciências da natureza e ciências humanas**.

Selecionamos algumas habilidades da BNCC que atendem a algumas dessas áreas, mas você, professor, pode pesquisar além e propor outras habilidades a serem aplicadas à leitura de **A canoa que virou coisa**:



(EF02LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.

(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

(EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.

(EF01LP26) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.

(EF02LP28) Reconhecer o conflito gerador de uma narrativa ficcional e sua resolução, além de palavras, expressões e frases que caracterizam personagens e ambientes.

(EF02GE08) Identificar e elaborar diferentes formas de representação (desenhos, mapas mentais, maquetes) para representar componentes da paisagem dos lugares de vivência.

(EF02GE09) Identificar objetos e lugares de vivência (escola e moradia) em imagens aéreas e mapas (visão vertical) e fotografias (visão oblíqua).

(EF01GE01) Descrever características observadas de seus lugares de vivência (moradia, escola etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares.

Essa descrição pode ser comparada à vivida pelo personagem indígena da história.

(EF01GE02) Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras de diferentes épocas e lugares. Situações de convívio em diferentes lugares.

Que tal aplicar essa habilidade no que toca às práticas de povos indígenas?

(EF02CI01) Identificar de que materiais (metais, madeira, vidro etc.) são feitos os objetos que fazem parte da vida cotidiana, como esses objetos são utilizados e com quais materiais eram produzidos no passado.

Aqui caberia uma pesquisa sobre o feitio de canoa, de remo, de rede de dormir, contextualizando com a história lida.

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

Criar uma canoa para a sala de aula com material reciclável. E transformar a linguagem das ilustrações em objetos tridimensionais feitos pelas crianças.

BNCC

(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.

Por exemplo, pesquisar sons de: canoa, pesca, rio, etc.

INTRODUÇÃO DAS ATIVIDADES

Ler uma obra literária em sala de aula é um dos importantes ganhos do mundo contemporâneo. Até algumas décadas atrás, as escolas públicas ofereciam poucos livros literários nas bibliotecas ou salas de leitura. Com os programas governamentais de distribuição de livros literários, com o avanço do mercado editorial brasileiro e com a formação leitora dos professores, o livro literário ganhou um espaço diferenciado nas escolas. Hoje, as crianças podem manusear, ler, e toda a turma pode ter o mesmo livro, para compartilharem leituras, para leituras coletivas e para discutirem temas e questões.

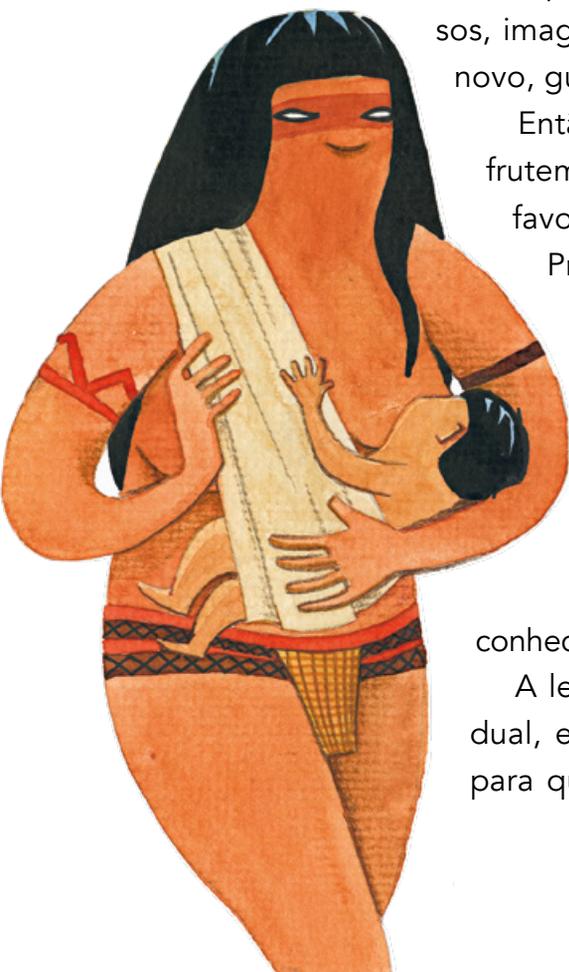
Tocar e manusear um livro provoca sensações inesquecíveis na vida das crianças. Isso porque o livro é um objeto mágico, traz histórias e versos, imagens... Elas podem mudar de página, imaginar, ler de novo, guardar, ler com e para outras pessoas.

Então, professor, diante do livro nas mãos de vocês, desfrutem desta leitura! Crie um ambiente acolhedor, condições favoráveis para esse momento inesquecível para todos.

Pratique a hospitalidade da leitura, com acolhimento e cuidado, sem proibições. A leitura é uma ferramenta de libertação, e não de amedrontamento.

Antes de iniciarem a leitura, é importante que os alunos pesquisem, estejam familiarizados com a obra e os autores. Prepare os primeiros encontros com a obra literária, com encantamentos e surpresas. Aqui vocês vão ler a história de uma canoa. O que poderiam conhecer e criar antes?

A leitura pode acontecer em conjunto e de modo individual, então crie estratégias para dinamizar o seu espaço e para que a leitura entre na vida das crianças e elas entrem



na história dessa canoa inventada pelos indígenas Kamaiurá. Os irmãos Orlando e Cláudio Villas-Boas, amigos dos indígenas, a ouviram e a recontaram no livro *Xingu: os índios, seus mitos*. Quem sabe você não consegue acesso a essa obra? Isso ampliaria seu universo e você poderia compartilhar com seus alunos.

Que indígenas as crianças conhecem? Há indígenas na sua cidade? Vamos enriquecer os conhecimentos da turma? Pesquise livros, revistas, vídeos. O Brasil conta com centenas de etnias e de nativos. E, na soma, milhares de indígenas.

O conto de Luiz Raul Machado apresenta certo mistério, com o desaparecimento da canoa. Que tal conversar com a turma sobre isso? Quem conhece coisas misteriosas que desapareceram? É atenção, professor, estamos no campo da imaginação e da ficção. Vale criar, inventar e dar asas à fantasia das crianças. As histórias literárias são um patrimônio cultural da humanidade, não devemos ficar procurando moral da história ou lição de vida na leitura de um texto. O importante é que os alunos possam falar da experiência de ler, dos sentimentos, das associações com outros livros, canções, experiências de vida. Desde os tempos remotos da história da humanidade, os povos contam histórias, narram causos fictícios e inventados. Não quer dizer que a pessoa esteja mentindo, mas que ela sabe contar bem um conto. E precisamos disso para lidar com nossos conflitos, dúvidas, incertezas. Provoque, nos seus alunos, reflexões antes, durante e após a leitura da obra. Isso, sim, vai marcar de modo bem especial a vida de cada um e do coletivo. Boas leituras!

ATIVIDADES PRÉ-LEITURA

Essas atividades que antecedem a leitura preparam o terreno, vão criar curiosidade e motivação entre os estudantes. E podem contextualizar o autor, a ilustradora, a obra, os temas etc. Selecionamos algumas propostas para vocês, mas sinta-se livre para criar outras.

Para os estudantes:

- Conhecer diferentes canoas indígenas, por meio de fotos, vídeos, pequenos objetos. Conversem sobre os formatos, os tamanhos, as funções, o tipo de madeira.
- Fazer canoas de papel, de palitos de picolé, de papelão. Eles podem pintar a canoa e nomear, dar um nome a ela.
- Trabalhar a origem do nome de cada aluno. Por que se chama assim? Associe com nomes de canoas e de barcos, muitas vezes, em homenagem a pessoas.
- Pesquisar sobre o escritor Luiz Raul Machado, na internet, em livros na biblioteca da escola e/ou da cidade.

- Pesquisar sobre a ilustradora Marília Pirillo, na internet, em livros na biblioteca da escola e/ou da cidade.
- Pesquisar, em casa, sobre canoas, em revistas, livros, canções, peças de teatro.
- Pesquisar se há, em sua cidade, um canoeiro. Se houver, convide-o para uma conversa com as crianças.
- Caso não haja canoeiros em sua cidade, que tal assistirem a um vídeo pesquisado por você no YouTube?
- Pesquisar e escrever palavras do universo semântico de canoa: “remo”, “madeira”, “remar”, “rio”, “lagoa”, “mar”, “pescar” etc.
- Fazer um ditado com as palavras pesquisadas na atividade anterior. As crianças poderiam qualificar ou quantificar as palavras. Exemplo: “remo mágico”.
- Pesquisar povos indígenas que há na região onde vocês moram.
- Fazer um ditado com as palavras pesquisadas na atividade anterior. Importante as crianças saberem escrever nomes de povos indígenas brasileiros.

Para o professor:

- Assistir “Causo de Canoeiro”, por Rolando Boldrin: <https://www.youtube.com/watch?v=Vi6CxTX8w1U> Acesso em setembro de 2021.

ATIVIDADES DURANTE A LEITURA

Aqui, há que se valorizar a leitura em voz alta feita pelo professor; a leitura individual feita pelos alunos; a leitura coletiva, em voz alta. Algumas sugestões:

Para os estudantes:

- Ler a história uma vez, em voz alta, para os alunos escutarem.
- Ler juntamente com as crianças, alternando as vozes.
- Ler a história dramatizando.
- Criar uma canoa com papelão. Dentro dela, em vez de peixes, serão colocadas palavras da leitura escolhidas pelas crianças. E outras derivadas. Exemplo: “canoa” (do livro), “canoeiro”, “canoagem”.
- Após a fixação da leitura, ou seja, mais de uma vez lida a história, fazer perguntas oralmente, como: Quem era o personagem indígena? Onde morava? Onde vocês moram há indígenas? O que o personagem indígena decidiu fazer? Quem era a canoa? Quem conhece canoa?

- Aproveite algumas questões do item anterior para as crianças responderem escrevendo.
- Fazer o reconto da história em dez linhas, juntos, usando o quadro da sala de aulas. As crianças vão falando e o professor vai anotando.
- Fazer o reconto da história, cada estudante em seu caderno, em cinco linhas.
- Mostre as ilustrações do livro, para que os estudantes narrem as cenas com as palavras deles, oralmente.
- Peça para criarem diferentes títulos para a história. Monte um painel com os diferentes títulos criados.
- Faça um ditado de todos os títulos criados pelas crianças.
- Enquanto você lê novamente a história, as crianças vão fazer desenhos.
- Escolham trechos da história e transformem em pequenos poemas.
- Exemplo: “Um dia, ele foi trabalhar de novo. Mas quando chegou no mato, a canoa não estava mais lá. O homem sentou e ficou pensando: ‘Que será que aconteceu com a minha canoa?’” (p. 9).

Poemeto:

*de novo, trabalhar
no mato, a canoa não mais
pensando...
que aconteceu?*

- Conversa sobre a atividade do item anterior: a diferença entre prosa e poesia. A prosa usa parágrafos até o final da linha, com pontuação, letra minúscula, maiúscula. A poesia usa estrofes e/ou versos. Não carece de letra inicial maiúscula nem de pontuação.
- Escolher um trecho da história para todos lerem juntos, em uníssono.
- Localizar, em um mapa do Brasil, a região Centro-Oeste, terra originária do povo Kamaiurá, a quem pertence essa história.

Para o professor:

- Leitura da obra *Xingu: os índios, seus mitos*, de Orlando e Cláudio Villas-Bôas. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

É uma importante análise histórico-etnográfica dos povos xinguanos. Dividido em duas partes, o livro apresenta dois enfoques complementares sobre um mesmo fenômeno: a cultura xingwana. A primeira parte traz uma análise histórica do processo de sedimentação desses indígenas na região do rio Xingu. A



segunda parte apresenta um inventário dos principais mitos xinguanos, colhidos durante décadas de permanência dos irmãos Villas-Bôas na região.

ATIVIDADES PÓS-LEITURA

Após lerem e fixarem a leitura do conto, há muito o que pesquisar, ler, escrever, desenhar e recriar. A literatura abre portas para a fruição do pensamento e da criação. A seguir, algumas sugestões:

Para os estudantes:

- Escutar a obra de domínio público, adaptação de Sandra Peres e Paulo Tatit, parte do DVD *Cantigas de Roda* (2015), da Palavra Cantada.
- *A canoa virou*, por Palavra Cantada: https://www.youtube.com/watch?v=_vmxj-adiPo. Acesso em setembro de 2021
- Visitar uma exposição de artesanatos, se houver na sua cidade. Se não houver, pesquisar, no YouTube, uma exposição virtual. Vejam se encontram canoas e barcos. Como são?
- Pedir às crianças que descrevam embarcações que conheçam: canoa, barco, navio, fragata, vapor, caiaque etc.
- Pesquisar o povo Kamaiurá, para quem foi atribuída a história pelos irmãos Villas-Bôas.
- Pesquisar a função de uma canoa. Para que serve?
 - Transporte de pessoas e de cargas;
 - Pescaria;
 - Esporte;
 - Turismo;
 - Lazer.
- Pesquisar peixes que costumam ser pescados em rios para alimentação.

Para o professor

- Como fazer uma canoa de madeira – um tronco só – garapuvu – documentário *Enxó da Ribeira*

Como se faz uma canoa de madeira? O passo a passo é mostrado por um dos maiores construtores de canoas que já viveu no litoral catarinense. Esta foi a última canoa feita pelo “Seo Terninho”. O vídeo é uma edição especial, comemorativa de 20 anos, do documentário *Enxó da Ribeira* (2001), que registrou o método tradicional de se construir este tipo de embarcação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILaTAQCZuU0>. Acesso em setembro de 2021.

Para além do livro

Aqui trazemos algumas dicas e sugestões para você, professor. Se parecer oportuno, compartilhe com seus alunos:

- Matéria sobre uma canoa de 1610 descoberta em Minas Gerais, em 2015: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/03/06/interna_gerais,624627/canoa-indigena-construida-em-1610-e-encontrada-em-minas-gerais.shtml. Acesso em setembro de 2021.
- Matéria sobre a canoa sagrada dos Yawalapiti (Xingu), feita com a casca do jatobá: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/a-canoa-sagrada-dos-yawalapiti>. Acesso em setembro de 2021.
- Conheça, pelo site, o território do povo Paiter Suruí, exemplo de proteção da biodiversidade e desenvolvimento sustentável no Brasil: <https://www.paiter-suruui.com/metareila>. Acesso em setembro de 2021.
- Conheça os antigos “Canoeiros” da bacia do Rio Tocantins, povo de língua tupi. Eles preferiam a morte a se render ao inimigo, e assim ficaram famosos como o povo que mais resistiu ao colonizador no Brasil Central: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Av%C3%A1-Canoeiro>. Acesso em setembro de 2021.
- O site da ilustradora Marília Pirillo. Nele, vocês vão descobrir outros estilos de ilustrações: <https://www.mariliapirillo.com/> Acesso em setembro de 2021.
- Canção “Pescaria (Canoeiro)”, do álbum *Gal Canta Caymmi*, 1976, Universal Music LTDA.: <https://www.youtube.com/watch?v=ySp6aa6f0Jo>. Acesso em setembro de 2021.
- Quatro vídeos que comentam o passo a passo de construção de uma canoa. Como construir uma Canoa de forma fácil e eficiente | Parte 1: https://www.youtube.com/watch?v=vaxJ1Lv_nEE. Acesso em setembro de 2021.

3. A LEITURA DO LIVRO NA PERSPECTIVA DA LITERACIA: A IMPORTÂNCIA DO VOCABULÁRIO E DA EXPANSÃO DA COMPREENSÃO LEITORA

A Política Nacional de Alfabetização (PNA) (Brasil, 2019) valoriza atividades de contação de histórias e de **literacia familiar**. Essas habilidades ajudam a criança a desenvolver a compreensão de leitura, fundamental ao bom desempenho acadêmico e ao desenvolvimento da cidadania. A compreensão de leitura é a principal habilidade desenvolvida na escola; sem uma boa compreensão de texto, teremos problemas em diversas tarefas escolares (Oliveira; Boruchovitch & Santos, 2007; 2009). Os estudantes brasileiros ainda apresentam baixos desempenhos nas avaliações de leitura. As dificuldades em compreender o que lemos se arrastam até nas séries escolares mais avançadas (Oliveira, 2011). Por essa razão, precisamos refletir sobre o ensino da compreensão de leitura nos anos iniciais. Ao entendermos os processos cognitivos que fazem parte do processamento da compreensão de leitura, poderemos oferecer oportunidades de desenvolvimento de habilidades capazes de aprimorar a compreensão leitora.

A leitura de um texto envolve processos cognitivos complexos. Pode-se pensar que, para compreender um texto, basta ler as palavras, mas o reconhecimento destas não é suficiente para que ocorra um processo completo de leitura. A decodificação eficiente das palavras permite que se libere espaço de processamento cognitivo de alto nível, o qual possibilita que o leitor faça a integração sintático-semântica das frases, utilize seu conhecimento das estruturas linguísticas dos diferentes gêneros textuais, seus conhecimentos de mundo, do vocabulário usado, além da capacidade de fazer inferências para compreender o texto (Giasson, 2003; Perfetti; Landi & Oakhill, 2005). A criança que decodifica de maneira pobre gasta muito espaço de sua memória e da sua atenção durante esse processo, o que dificulta a integração do texto como um todo. Crianças que já tenham automatizado o reconhecimento de palavras têm uma vantagem sobre aquelas que ainda estão no processo de adquirir o princípio alfabético. No entanto, como já esclarecemos, não basta que a criança reconheça as palavras que estão no texto, elas precisam fazer sentido. O processo de compreensão leitora envolve funções executivas, metacognitivas, habilidades linguísticas e metalinguísticas, bem como competências sociais que permitem ao leitor que integre as informações do texto em um todo coerente (Kruszielski & Guimarães, 2020).

Um aspecto que merece destaque no processo de compreensão de leitura é a diferença da compreensão literal do que está escrito e do que precisa ser inferido.

As informações estão explícitas; se os autores fossem explicitar todas as informações que querem transmitir, os textos ficariam demasiadamente longos. Quando lemos, entram em ação processos inferenciais. Nas inferências, temos que estabelecer relações entre o que é literal (está explícito) e o que o autor deixa implícito no texto (Giasson, 2003). Esse processo nos leva, enquanto leitores, a interpretar as motivações e intenções do autor ao escrever.

Considerando a importância do uso de estratégias de compreensão de leitura, pesquisadores começaram a estudar o papel da intervenção dos professores no desenvolvimento de estratégias que promovam a compreensão inferencial dos textos. No Brasil, Pereira, Gabriel e Justice (2019) investigaram a interação professor-alunos na exploração dos textos durante a leitura compartilhada. As autoras mostraram que, ao longo da leitura de histórias infantis na educação infantil, mais da metade das perguntas feitas pelos professores às crianças eram literais. Como vimos, essas perguntas não estimulam o pensamento inferencial sobre o texto que será necessário para formar leitores autônomos depois da alfabetização.

Também no Ensino Fundamental, Braz e Guimarães (2019) investigaram as práticas pedagógicas para o ensino da compreensão da leitura adotadas por professoras de 3º e 4º ano de uma escola pública. Os resultados foram similares ao de Pereira et al. (2019). As autoras acharam que grande parte das estratégias adotadas pelos professores ocorre após a leitura e que, normalmente, são voltadas para a compreensão literal dos textos. Os professores poucas vezes realizam práticas que estimulam o raciocínio inferencial sobre o texto. As autoras ressaltam que, sem o desenvolvimento de raciocínio inferencial, não há uma compreensão completa. Braz e Guimarães, assim como Pereira et al. (2019), sugerem uma mudança no ensino da compreensão leitora, para que, de forma mais sistemática, se focalize na capacidade do leitor alcançar uma compreensão inferencial e crítica dos textos que vai ler.

Já dissemos anteriormente que o processo de compreensão de um texto envolve processos cognitivos complexos. Além do pensamento inferencial, utilizamos nosso conhecimento das palavras que estão no texto, ou seja, do vocabulário para a leitura. Kruszielski e Guimarães (2020), num estudo com crianças do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental no qual buscavam os melhores preditores da compreensão de leitura, demonstraram que o vocabulário estava entre as variáveis que melhor



predizia o desempenho dos estudantes. Em outras palavras, as crianças que tinham melhor vocabulário eram melhores compreendedores de texto.

Duff et al (2015) acompanharam crianças desde os dois anos de idade num estudo longitudinal que avaliou o papel do vocabulário no desempenho da leitura e da compreensão leitora dessas crianças por pelo menos cinco anos (as crianças mais velhas no fim do estudo tinham nove anos e as mais novas, quatro). Os resultados mostraram que as crianças com melhores desempenhos nas avaliações de vocabulário também tinham melhor desempenho na leitura de palavras e na compreensão de leitura. Um resultado interessante do estudo foi o de que crianças que começaram a falar mais tarde, ou seja, que no começo do estudo tinham vocabulário baixo, muitas vezes resolviam as suas dificuldades ao longo do tempo. Isso nos faz pensar sobre a importância de se apresentar palavras novas para as crianças durante todo o desenvolvimento e estimular a aprendizagem do vocabulário.

Assim, a aprendizagem de palavras novas deve fazer parte de um trabalho pedagógico sistemático na escola. O conhecimento de mundo é outro aspecto importante para a compreensão de leitura. Os textos literários são recursos ricos para o desenvolvimento do vocabulário e do conhecimento de mundo da criança, pois apresentam às crianças de forma lúdica e numa linguagem acessível diversos mundos, informações, emoções, espaço para elaborarem suas emoções e fantasias.

Todavia, assim como no caso da interpretação das informações inferenciais do texto, o trabalho com vocabulário a partir das histórias infantis não se resume a simples leitura do texto. Em um estudo que investigou estratégias de leitura que poderiam ajudar às crianças a desenvolver seu vocabulário, Sénéchal (1997) mostrou que a forma como contamos histórias influencia a expansão do vocabulário de crianças de cinco anos de idade. Apenas ler um texto não trouxe ganhos para as crianças, era preciso expandir a linguagem trabalhando as palavras do texto. No Brasil, Batista e Mota (no prelo) encontraram o mesmo padrão de resultados estudando a interação entre pais e crianças de quatro a cinco anos de idade. As autoras mostraram que os pais que expandem a linguagem durante a leitura são pais com crianças com o vocabulário mais rico.

A necessidade de se desenvolver estratégias para boa compreensão de leitura, especialmente as que se referem ao vocabulário, foram destacadas em um estudo com adolescentes colombianos. Escoria e Estrada (2016) pesquisaram as estratégias para o processo de compreensão leitora em estudantes do Ensino Médio e sua capacidade de se autoavaliar. Utilizando-se de uma metodologia qualitativa, os autores mostraram que grande parte dos adolescentes se desinteressam pelos textos quando eles são extensos ou têm vocabulário que desconhecem. Alguns adolescentes relataram aplicar estratégias para ajudá-los a entender o texto, mas ainda assim tiveram

dificuldades em compreender. Isto porque as estratégias utilizadas pelos estudantes para leitura não são claras, adequadas, ou não possuem intencionalidade. Esses resultados apontam que ainda que se escolha um texto com um tema de interesse do estudante, o desconhecimento do vocabulário ou da estrutura linguística causa dificuldades no leitor, que acaba desistindo da leitura. Os resultados do estudo de Escoria e Estrada (2016), bem como de outros autores que mostram que as dificuldades de compreensão de leitura se arrastam durante os estágios mais avançados da escolarização (Oliveira; Boruchovith & Santos, 2007; Oliveira, 2011), ressaltam a importância do ensino da leitura nos anos iniciais da escolarização.

Adicionalmente, destaca-se a importância dos conhecimentos prévios e do conhecimento de mundo nos processos de compreensão leitora. Por exemplo, conhecimentos linguísticos básicos e das estruturas linguísticas ajudam as crianças a interpretar as informações quando estão lendo (Perfetti & Stafura, 2014; Sénéchal, 2017). Por essa razão, propõe-se que quanto mais contato a criança tiver com diferentes portadores de textos (gêneros textuais), mais familiarizados com as estruturas próprias da língua escrita, mais facilidade encontrará na compreensão de leitura (Kaufman & Rodrigues, 1995).

O livro **A canoa que virou coisa** permite ao professor que desenvolva trabalhos a partir de todas as habilidades destacadas anteriormente. O livro, que conta a história de um indígena e sua canoa, permite que se explore o conhecimento da vida e da cultura dos indígenas brasileiros, que contribuíram para nossa própria constituição cultural. Dessa forma, traz novas informações sobre o mundo, novo vocabulário e tem potencial para o trabalho com a realização de inferências, além de uma linguagem linguística e esteticamente rica. É, portanto, um ótimo texto para incluir no trabalho escolar, bem como para a leitura familiar.

A leitura de livros deve ser, em primeiro lugar, uma atividade lúdica, de prazer, um momento de diversão, mas, como pudemos revisar, oferece uma ampla oportunidade para pais e educadores aprimorarem habilidades fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança.

A leitura de um livro deve ser interessante. Devemos dramatizar as histórias durante a leitura. Utilizar vozes diferentes para cada personagem, como fazemos com o lobo nos contos da *Chapeuzinho Vermelho*, ou fazer os barulhos dos eventos, como os sopros do lobo nos *Três Porquinhos*. Podemos usar as expressões dos personagens. Os *audiobooks* nos dão uma dica sobre como é importante respeitar a pontuação e fazer as vozes dos personagens, para tornar as histórias mais interessantes.

Essas técnicas ajudam a criança a manter a atenção no livro. É importante ter paciência com as interrupções das crianças e responder as perguntas que são feitas. A expansão da linguagem da criança é um aspecto importante do seu desenvolvimento cognitivo.

4. A LITERACIA FAMILIAR: UM TRABALHO CONJUNTO ENTRE EDUCADORES E FAMÍLIA

Importante lembrar que a família tem um papel preponderante na etapa de aquisição de leitura e de escrita. Os familiares podem e devem valorizar as pequenas conquistas dos filhos: ler uma palavra, escrever uma frase. Aos poucos, com a orientação da escola e o apoio familiar, a criança adquire independência para fazer as suas leituras, as tarefas de casa, as atividades em aula. A literacia familiar é uma prática que acontece na parceria escola/família. Para tanto, os familiares podem propor atividades de leituras, contações de casos e de histórias e cantorias em casa. Devem envolver a criança na escolha de uma receita culinária, na leitura de placas, de embalagens, de propagandas etc. E, claro, na leitura e no manuseio de livros de literatura.

Tudo isso fortalece a autoestima do pequeno leitor e ele passa a entender melhor o meio no qual vive, como conhecer produtos que consome em casa e o que cada um contém, prazo de validade, medidas e quantidades. E entender propagandas, custos dos produtos e serviços, endereço da família, sua origem (certidão de nascimento). E o mais importante, a criança pode compartilhar, em família, sentimentos que uma história lhe trouxe. E pode ouvir dos familiares suas impressões, semelhantes ou diversas das trazidas pelo filho.



5. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Livros:

BATISTA, J. & MOTA, M.P.E. "A leitura compartilhada entre pais e filhos afeta o desenvolvimento da literacia emergente?". *Temas de Psicologia* (no prelo).

Esse artigo científico discute o efeito da forma como pais contam histórias para seus filhos no desenvolvimento da consciência fonológica e no vocabulário.

BRAZ, E.D.H. & GUIMARÃES, S.R.K. "Ensino da compreensão leitora na prática pedagógica de professores do ensino fundamental". *Leitura: Teoria & Prática*, v. 37, nº 76, pp. 89-109, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2019v-37n76p89-108>. Acesso em novembro de 2021.

Discute a importância de se repensar as práticas de ensino da leitura, levando em consideração os processos inferenciais.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Ática, 1993.

Uma referência da área, a autora, professora da Universidade de São Paulo e pioneira nos estudos sobre livros para a infância e a adolescência nos apresenta conceitos, leituras e práticas.

DUFF, F.J. et al. "Do infant vocabulary skills predict school-age language and literacy outcomes?". *Journal of Child Psychol and Psychiatry*, 56(8), 848-856, aug. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jcpp.12378>. Acesso em novembro de 2021.

Trata-se de um estudo longitudinal que investigou o papel preditivo do vocabulário para leitura de palavras e a compreensão de leitura.

ESCORIA, M. M. M. & ESTRADA, I. C. D. F. G. "Estrategias para el proceso de comprensión lectora en estudiantes de educación media. El fin: la autoevaluación". *Revista Boletín Redipe*, v. 5(2), pp. 44-54, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6064473.pdf>. Acesso em novembro de 2021.

Estudo sobre o foco de dificuldades de adolescentes na compreensão de leitura.

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo: relatos de uma professora*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

Aqui, estamos diante de um relato instigante e apaixonado pela infância, pela língua e pelo encontro mediado com os adultos e os pequenos. A estudiosa Madalena Freire nos brinda com um estudo prático e encorajador para os mediadores de leitura

e professores, sem receitas, mas com contextualizações e valorizações das primeiras produções de linguagem oral e escrita das crianças.

GIASSON, J. A. *Compreensão na leitura*. Tradução de Maria José Frias. Lisboa, Portugal: Edições ASA, 1993.

Apresenta os processos envolvidos na compreensão de leitura e as implicações para sala de aula.

KAUFMAN, M. A. & RODRIGUES, H. M. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

Discute a importância de se apresentar diferentes portadores de textos para as crianças na escola e sua relação com a proficiência com a língua escrita.

KRUSZIELSKI, L. & GUIMARÃES, S. R. K. "Habilidades preditoras da compreensão leitora de diferentes gêneros textuais". *Psicologia Argumento*, v. 38, n. 102, pp. 717-734, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/26327/pdf>. Acesso em novembro de 2021.

Discute os principais preditores cognitivos e neuropsicológicos para leitura e as implicações desse resultado para a educação.

OLIVEIRA, K. L.; BORUCHOVITCH, E. & SANTOS, A. "Compreensão de leitura em alunos de sétima e oitava séries do ensino fundamental". *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 11, n. 1, pp. 41-49, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100005>. Acesso em novembro de 2021.

Estuda o desempenho de adolescentes em compreensão de leitura e a relação com a aprendizagem

OLIVEIRA, K. L.; BORUCHOVITCH, E. & SANTOS, A. "Estratégias de aprendizagem e desempenho acadêmico: Evidências de validade". *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 25, n. 4, pp. 531-536, 2009. Disponível em: <https://10.1590/S0102-37722009000400008>. Acesso em novembro de 2021.

Estuda o desempenho de adolescentes em compreensão de leitura e a relação com a aprendizagem.

OLIVEIRA, K. L. "Considerações acerca da compreensão em leitura no ensino superior". *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, n. 4, pp. 690-701, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000400003>. Acesso em novembro de 2021.

Apresenta dados sobre a avaliação de compreensão de leitura de universitários brasileiros. Os resultados demonstram que mesmo com esse nível de escolaridade, muitos universitários ainda apresentam dificuldades de leitura.

PARREIRAS, N. *Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê*. Belo Horizonte: RHJ, 2008.

Reunião de diferentes ensaios sobre infância, literatura e o ponto de vista a ser preservado quando se escreve para a criança e o jovem. Se o adulto escreve com pretensões e intenções, rompe-se a mágica da escrita literária.

PEREIRA, A. E.; GABRIEL, R. & JUSTICE, L. M. "O papel da formulação de questões durante a leitura compartilhada de livros na educação infantil". *Ilha do Desterro*, v. 72, n. 3, pp. 201-221, 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n3p201>. Acesso em novembro de 2021.

Discute a importância de se repensar as práticas de ensino da leitura, levando em consideração os processos inferenciais.

PERFETTI, C. A.; LANDI, N. & OAKHILL, J. "The Acquisition of Reading Comprehension Skill". In: SNOWLING, M. J. & HULME, C. *Blackwell handbooks of developmental psychology. The science of reading: A handbook*. Malden: Blackwell Publishing, 2005, pp. 227–247. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9780470757642.ch13>. Acesso em novembro de 2021.

Descreve modelos cognitivos de compreensão de leitura.

PERFETTI, C. A. & STAFURA, J. "Word knowledge in a theory of reading comprehension". *Scientific Studies of Reading*, v. 18, n. 1, p. 22–37, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10888438.2013.827687>. Acesso em novembro de 2021.

Descreve modelos cognitivos de compreensão de leitura.

SÉNÉCHAL, M. "The differential effect of storybook reading on preschoolers' acquisition of expressive and receptive vocabulary". *Journal of Child Language*, v. 24, n. 1, pp. 123-138, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0305000996003005>. Acesso em novembro de 2021.

Descreve o papel da interação dos pais (a forma como contam histórias) durante a leitura compartilhada no desenvolvimento do vocabulário.

SÉNÉCHAL, M. "Shared reading: an informal literacy activity par excellence". In: KUCIRKOVA, N. et al. *The Routledge International Handbook of Early Literacy Education*. New York: Routledge, 2017, pp. 273-283.

Explica as razões pelas quais a leitura compartilhada é importante para o desenvolvimento da linguagem, leitura e escrita.

VILLAS-BÔAS, O. & VILLAS-BÔAS, C. *Xingu: os índios, seus mitos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

É uma importante análise histórico-etnográfica dos povos xinguanos. Dividido em duas partes, o livro apresenta dois enfoques complementares sobre um mesmo fenômeno: a cultura xinguanas. A primeira parte traz uma análise histórica do processo de sedimentação dos indígenas na região do rio Xingu. A segunda parte apresenta um inventário dos principais mitos xinguanos, colhidos durante décadas de permanência dos irmãos Villas-Bôas na região.

Sites:

FUNAI

“A Fundação Nacional do Índio (Funai) é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil.

Cabe à Funai promover estudos de identificação e delimitação, demarcação, regularização fundiária e registro das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas, além de monitorar e fiscalizar as terras indígenas. A Funai também coordena e implementa as políticas de proteção aos povos isolados e recém-contatados.” <https://www.gov.br/funai/pt-br>. Acesso em setembro de 2021.

Instituto UK’A

“O Instituto UK’A – Casa dos Saberes Ancestrais é uma instituição definida como OSCIP, sem fins-lucrativos e de caráter educativo e cultural. Foi concebida por um grupo de profissionais indígenas e não indígenas com o objetivo central de prestar serviços na área educativo-cultural proporcionando maior conhecimento da Lei 11.645/08, que instituiu a obrigatoriedade da temática indígena e afro-brasileira no currículo escolar brasileiro. Nossa instituição é composta por renomados profissionais e ativistas das causas sociais brasileiras com comprovada experiência nas áreas que se propõe atuar.” <http://institutouka.blogspot.com/>. Acesso em setembro de 2021.

Academia UK’A

Aqui, encontramos a proposta educacional do Instituto Uk’a — Casa dos Saberes Ancestrais, dirigido pelo professor e autor Daniel Munduruku. <https://www.academiauka.com.br/>. Acesso em setembro de 2021.

BNCC:

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018.

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em outubro de 2021.

PNA:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Política Nacional de Alfabetização (PNA)*. Brasília: MEC, 2019.

http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em outubro de 2021.



5. SOBRE AS RESPONSÁVEIS PELO MATERIAL

Ninfa Parreiras

Carta ao professor/Propostas de abordagem em sala de aula/A literacia familiar: um trabalho conjunto entre educadores e família

Nascida em Itaúna (MG), mora no Rio de Janeiro (RJ), onde trabalha em diferentes áreas com a palavra e os sentimentos: a literatura e a psicanálise. Mestre em Literatura Comparada (USP) e graduada em letras e psicologia (PUC-Rio), participou de cursos de especialização em literatura infantil e juvenil (RJ e SP).

Foi pesquisadora da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique, Alemanha, com pesquisa sobre o desamparo na literatura. Desenvolve pesquisas literárias e trabalha com uma clínica de atendimentos em psicanálise. É membro titular da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID). Trabalha como professora de literatura e de criação literária (oficinas), consultora literária, editora de livros, produtora cultural, escritora e psicanalista.

Atualmente, presta serviços para as instituições: Centro Educacional Anísio Teixeira (Ceat), Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Instituto de Leitura Quindim, Instituto Estação das Letras (IEL), Instituto Mpumalanga.

Márcia Mota

A leitura do livro na perspectiva da literacia

Psicóloga, Márcia fez mestrado na Universidade de Reading e doutorado na Universidade Oxford, ambas na Inglaterra, onde começou seu interesse científico sobre o papel das habilidades metalinguísticas e alfabetização. O interesse pela leitura, no entanto, começou na infância, com as histórias contadas pela avó Dulce.

Professora associada da Universidade Federal de Juiz de Fora, ela fundou o projeto Lendo no Campus, que visava desenvolver o gosto pela leitura de crianças que frequentavam o projeto de extensão Domingo no Campus, cuja finalidade era oferecer oficinas para a população do entorno da universidade. Hoje, é professora associada do Programa em Psicologia Social da Uerj e Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira. Nesses programas orientou dezenas de teses e dissertações que investigam o desenvolvimento da literacia emergente, da literacia familiar e do desenvolvimento da compreensão de leitura. Além disso, Márcia coordena o Laboratório de Estudos do Desenvolvimento Humano da Uerj, é bolsista de produtividade nível 2 do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ.